

Diferenciação e valorização da negritude no Clube José do Patrocínio¹

Ticiano Loiola dos Santos

Mestre em Ciências Sociais – UFSM

Prof.^a da Rede Estadual na cidade de Júlio de Castilhos-RS

ticianaloiola@hotmail.com

Maria Clara Mocellin

Doutora em Ciências Sociais – Unicamp

Prof.^a do Departamento de Ciências Sociais – UFSM

claramocellin@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como universo de pesquisa um espaço de sociabilidade do município de Júlio de Castilhos, o clube José do Patrocínio, um clube negro fundado em 1913. A partir do estudo etnográfico e documental, buscou-se entender os diferentes significados atribuídos ao clube ao longo de sua trajetória. Este estudo demonstrou que, por meio da criação do clube, os negros procuravam não somente um espaço de sociabilidade para as suas famílias, mas, sobretudo, buscavam reconhecimento, visibilidade e diferenciação. Nos bailes do passado, em que prevaleciam normas rígidas, como o uso do traje completo e o bom comportamento moral, os negros do clube se diferenciavam e eram reconhecidos pela sociedade castilhense. O estudo também demonstrou que, a partir da década de 1980, o clube redirecionou algumas das suas atividades para a valorização da cultura afro-brasileira e para discussões sobre as relações étnico-raciais. Isso se evidenciou na organização de cursos, no clube, em parceria com o Instituto Federal Farroupilha - campus Júlio de Castilhos.

Palavras-chave: Clubes negros; relações étnico-raciais; sociabilidades.

1. Introdução e objeto de estudo.

Este trabalho trata de investigar um espaço de sociabilidade negra na cidade de Júlio de Castilhos², no estado do Rio Grande do Sul (RS): o clube José do Patrocínio. A intenção é entender os diferentes significados atribuídos ao clube ao longo de sua história. Para tanto, observaram-se as interações entre os negros e as deles com os brancos; verificou-se como, por meio dessas interações, se construíam fronteiras e sentimentos de pertencimento e como os negros frequentadores do clube eram identificados pelos outros negros.

Para problematizar o momento em que ocorreu a fundação do clube, foi preciso entender as vivências e experiências dos negros de Júlio de Castilhos daquele período. A inexistência de um espaço de sociabilidade para os negros, certamente, era algo fora de suas vontades, mas os subjetivismos, ou seja, o que sentiam, o que pensavam e

¹ Este artigo é resultado da dissertação de mestrado “Nosso Clube”: *Diferenciação e Valorização da Negritude Castilhense na Sociedade Cultural Recreativa José do Patrocínio*, de autoria de Ticiano Loiola dos Santos, sob a orientação da professora Dra. Maria Clara Mocellin.

² O município de Júlio de Castilhos está situado na região central do estado do Rio Grande do Sul. Possui em torno de 20.074 habitantes, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2014. Sua população é predominantemente urbana. A economia, no meio rural, gira em torno da produção de soja e da agricultura familiar e, no meio urbano, em torno do comércio.

acreditavam, tornaram importante a criação desse espaço de sociabilidade, no qual poderiam ir além do lazer, mas também escolher o que era relevante para a valorização e afirmação da sua imagem.

Algumas perguntas nortearam este trabalho: quais os diferentes significados atribuídos ao clube ao longo de sua trajetória? Como ocorriam as relações étnico-raciais dentro do clube José do Patrocínio? Como eram tratados os fenótipos dentro desse espaço de sociabilidade em que transitavam brancos e negros?

A intenção deste trabalho foi compreender o sentido de outrora e o sentido de agora, o que o clube representou no passado e o que o clube representa hoje. A criação de um espaço de sociabilidade negra pode então ser vista como uma ação intencional surgida a partir da memória coletiva. É com base nas histórias de vida dos participantes do clube que conseguimos entender o papel que o passado assume no presente, e como a memória se mostra representada por meio da criação do clube José do Patrocínio.

Santos (2012) citando Benjamin (1968), coloca que o passado está ativo no presente, pois, sendo ele incompleto, seria possível que ele fosse reiterado no presente. Relacionando as ideias de Benjamin com o passado e o presente dos negros, poderíamos dizer, então, que a trajetória dos negros participantes do clube, suas vivências e experiências foram marcadas pela discriminação e pela luta contra ela. A escolarização, a criação de espaços de sociabilidade negra e a participação em movimentos sociais são algumas das vivências que marcaram a trajetória de luta desses negros contra a discriminação.

Para Munanga (2003), a identidade negra não surge da tomada de consciência de uma diferença de pigmentação, mas resulta de um longo processo histórico que começa com o descobrimento, no século XV, do continente africano e de seus habitantes pelos navegadores portugueses. Para o autor, o contexto em que ocorre a formação da identidade negra no Brasil é caracterizado pela história do negro sequestrado, capturado e arrancado de suas raízes. Não houve, no Brasil, um discurso ideológico articulado sobre as identidades branca e amarela, justamente por não terem vivido uma história semelhante à dos negros. Para Munanga (2003), em nenhum momento, a cor da pele clara foi objeto de representações negativas, como ocorreu com a população de pele escura.

Munanga (2003) considera que a identidade é, para o indivíduo, a fonte de sentido e de experiência, ou seja, como este se percebe e como pretende ser percebido pelos outros. Os negros do clube constroem sua identidade a partir daquilo que consideram importante. No passado, por exemplo, o bom comportamento moral, as normas e regras exigidas para se frequentar o clube, como o uso do traje completo, eram práticas que distinguiram os negros frequentadores do clube José do Patrocínio dos demais negros.

Quando os negros do clube José do Patrocínio elegem aquilo que irão considerar relevante para se identificarem, quando escolhem os signos, símbolos e valores que julgarem importantes para eles dentro do clube, estão formando um grupo étnico. Por exemplo: quando exigem o uso do traje completo, este se torna um sinal diacrítico, símbolo dos negros frequentadores do clube naquele período; no entanto, hoje, tal uso deixou de ser considerado relevante, ou seja, faz parte das mudanças ocorridas ao longo do tempo. Em relação aos negros participantes do clube, estes podem ter esse sentimento de pertencimento a uma origem comum que os liga e, ao mesmo tempo, os coloca em contraste com grupos de outra origem étnica.

Para Barth (2000), o fundamental na definição de grupos étnicos é que constituem um campo de comunicação e de interação, possuem um grupo de membros que se

identifica e é identificado por outros como se constituíssem uma categoria diferencial. As distinções implicam processos de exclusão e de incorporação, que são mantidos mesmo com as mudanças ao longo do tempo. A identidade étnica é mediada pela autoatribuição e pela atribuição pelos outros, por isso, é relacional.

2. Sobre o clube José do Patrocínio.

Em 1913, foi fundada, no município de Júlio de Castilhos a Sociedade Cultural Recreativa José do Patrocínio, que foi o segundo clube do município, popularmente chamado de “Clube dos Morenos”³. Seus fundadores foram Messias Dutra, Salabergo Ribas, Victória Alves Xavier, Bernardo Pinto, Veríssimo Brum e outros (Costa, 1991).

Até então, havia apenas um clube na cidade, o Clube Felix da Cunha, que não era frequentado por negros, mas sim por uma elite branca. O apelido “Clube dos Morenos” demarca uma fronteira de cor entre os dois clubes existentes na época: o clube dos brancos e o clube dos negros. “Clube dos morenos” pode ser entendido como uma expressão que ameniza a distinção pela cor, dado que, no clube, havia negros escolarizados e com ocupações distintas das dos negros mais pobres. Como coloca Nogueira, a escolaridade, a ocupação e a situação econômica podem compensar a desvantagem da cor⁴, como ocorre no Brasil, onde prevalece o preconceito de marca (Nogueira, 1985). Ainda assim, denota o preconceito racial daquela sociedade em relação a esse clube.

Segundo Costa (1991), entre as finalidades do clube estava o desejo de preservar a memória do jornalista José do Patrocínio, o qual era visto pelos negros como um símbolo da sua história. Ele foi considerado patrono do abolicionismo e morreu em 30 de janeiro de 1905. Oito anos após sua morte, portanto, ocorreu a fundação do clube José do Patrocínio, que constituiu uma das formas encontradas pelos negros de Júlio de Castilhos de valorizar a cultura dos afrodescendentes e de homenagear aquele que lutou pela abolição da escravidão. Nos documentos e registros do clube, encontra-se a preocupação com a preservação da memória, não só do jornalista José do Patrocínio, mas também da cultura dos afrodescendentes como um todo, a partir do momento em que o clube se propôs a realizar atividades que relembassem a origem e a cultura negra.

³ Um ano antes, havia sido inaugurada a Charqueada São João, primeira grande indústria de Júlio de Castilhos. Além do charque, eram vendidos os subprodutos: couro, sebo industrial, graxa comestível, miúdos, ossos classificados e guano (Costa, 1991). No ano de 1924, foi inaugurada a Charqueada União, núcleo inicial da Cooperativa Castilhense de Carnes, que existe até os dias atuais. Em 1925, foi fundada a Charqueada São José, que permaneceu ativa até o ano de 1945. A Cooperativa Castilhense de Carnes foi criada com o objetivo econômico da venda em comum, industrialização de carne de gado e defesa dos interesses dos associados. Além da indústria de charque e de produtos derivados de carne, a cooperativa teve uma saboaria e explorava uma olaria e uma pedreira (Costa, 1991). Raramente, se encontra no município de Júlio de Castilhos alguma família que não tenha tido algum membro que trabalhou ou trabalha na Cooperativa de Carnes, pois ela foi, durante muito tempo, a maior ofertadora de empregos para a população e, ainda hoje, é uma das poucas indústrias da cidade.

⁴ Maggie (1996) demonstrou como a lógica do sistema classificatório no Brasil se configura por um gradiente de cor, em que o termo moreno é a metonímia por excelência, porque o termo pode ser usado para falar dos três domínios de classificação. Moreno é preto, mas também branco de cabelo escuro. Moreno é preto, mas também pardo ou preto mais claro.

O termo “entretenimento” em letras maiúsculas, no artigo 3º do estatuto do clube⁵, mostra o objetivo principal da entidade, pois, sendo esta um espaço de sociabilidade, o intuito era que os negros tivessem lazer, sem deixar de lado o aprendizado e a memória da sua trajetória.

Uma das autoras deste artigo nasceu no município de Júlio de Castilhos. Seu avô paterno, João Alves dos Santos, foi fundador de outro clube negro da cidade: o clube Francisco Rosa, criada na década de 1970 e hoje inativo. Seus pais costumavam ir ao Francisco Rosa, que era frequentado por negros de menores condições econômicas.

Segundo seu avô, hoje com 94 anos de idade, no clube José do Patrocínio só poderia entrar quem estivesse usando “traje completo”; logo, apenas os negros que tinham condições de adquirir tal vestimenta frequentavam o clube. Seu avô fora convidado a frequentar o clube junto com seu irmão, e então procuraram um alfaiate no centro da cidade, que lhes vendeu um dos trajes mais baratos, trajes na cor branca. Os dois irmãos, desse modo, passaram a frequentar o clube José do Patrocínio com trajes iguais. Algum tempo depois, seu avô conseguiu mandar fazer um novo traje, dessa vez, azul marinho.

Os dois irmãos trabalhavam na Cooperativa Castilhense de carnes, produtora de charque, que ainda existe até os dias atuais e que foi uma grande geradora de empregos no município. O charque foi um produto de grande importância para a economia gaúcha e uma das atividades produtivas exercidas por muitos negros escravos e ex-escravos.

Foi na cooperativa castilhense que seu avô e seu irmão conheceram Francisco Rosa, negro, natural de Bagé-RS. Havia vindo para o município para trabalhar e pediu a doação do terreno para a cooperativa, construindo, posteriormente, o clube que recebeu o seu nome, um clube menos elitizado do que o clube José do Patrocínio e que não exigia o uso de “traje completo” para seus frequentadores.

Logo após ter sido criado o clube Francisco Rosa, muitos associados do José do Patrocínio começaram a frequentá-lo; porém, o contrário não acontecia. Mais tarde, o clube José do Patrocínio aboliu o uso do traje. Ambos os clubes eram frequentados por negros, sendo mínima a participação de brancos. No entanto, o clube José do Patrocínio tinha um caráter elitizado, enquanto o outro não.

3. Questões de método.

Utilizou-se o método etnográfico, para observar e registrar este espaço de interação, conflito e participação de diferentes indivíduos, em que havia regredido normas de conduta estabelecidas. Foi preciso, então, observar os negros dentro do clube, mas também saber o que faziam fora dele. Em que outros ambientes se encontravam? Quais as atividades que desempenhavam no mundo do trabalho? Quais eram as outras formas ou espaços de lazer que buscavam? Quem eram suas famílias? Há quanto tempo estavam no clube?

Durante a pesquisa de campo, realizada entre o final de 2014 e o início de 2016, o olhar e o ouvir (Oliveira, 2000) foram sendo registrados no diário de campo, no entanto, esse registro fora do campo sofreu a refração do domínio do conhecimento científico. É nessa relação entre o observado no mundo empírico da pesquisa e o conhecimento

⁵ “Art.3º: São finalidades da Sociedade Cultural recreativa José do Patrocínio: proporcionar aos seus associados ENTRETENIMENTOS de cunho sócio-cultural, reuniões sociais, jogos e divertimentos”. Fonte: Estatuto da Sociedade Cultural Recreativa José do Patrocínio, 1980.

acadêmico que se fez o escrever, que se consolidou a prática etnográfica e que se chegou aos resultados da pesquisa.

Ao realizar o trabalho de campo etnográfico no clube José do Patrocínio, Santos (2016)⁶ buscou a articulação entre as experiências e práticas vivenciadas pelo grupo pesquisado e as observadas por ela, com o conhecimento acadêmico adquirido, a fim de compreender as relações que ali se estabeleciam. Na escrita, se encontra a interpretação dos resultados, jamais tirando a autonomia das falas dos pesquisados.

A prática etnográfica no clube realizou-se durante alguns eventos nele ocorridos, interagindo com os participantes. Observou-se quem eram as pessoas que o frequentavam e qual a função que elas exerciam no clube e no município de Júlio de Castilhos. Escutaram-se os pesquisados tanto em conversas formais quanto informais. O olhar esteve voltado não só para observar os indivíduos, mas o sentido que estes atribuíam às suas ações e o que os impulsionava a estar ali.

Também foi utilizada a técnica da entrevista, pois, para alcançar o objetivo de compreender os diferentes significados atribuídos ao clube, fez-se necessário também ouvir os seus participantes de maneira formal. A entrevista possibilitou uma maior aproximação com os pesquisados, por meio da qual se percebeu como estes se relacionam com os demais participantes do clube, quais eram suas falas e quais eram suas atitudes dentro e fora do clube.

Em um primeiro momento, foram realizadas entrevistas com os membros da diretoria, questionando-os sobre o que os levou a associarem-se ao clube e o que os motivava a estarem ali. As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado. Posteriormente, foram entrevistados frequentadores, sócios e não sócios. Buscou-se, por meio das entrevistas, analisar os diferentes significados que os negros conferem a esse espaço de lazer e sociabilidade. Foram entrevistadas diferentes gerações de associados e não associados para, assim, verificar se havia diferenças de significados atribuídos ao clube, por geração. Entre membros da diretoria, sócios e não sócios do clube, foram efetuadas dez entrevistas com: uma sócia que era neta de um fundador; duas sócias que eram mãe e filha de um dos sócios mais antigos; uma sócia com 84 anos de idade; três sócios ativos; duas rainhas da escola de samba do clube e uma participante e frequentadora.

Também se utilizou a técnica de análise documental por meio da consulta às atas do clube, nas quais se buscou quem eram os participantes do clube no passado, que papel desempenhavam na sociedade, quais os eventos que o clube realizava, quem participava, como eram organizados e quais os eventos que o clube realiza hoje.

Além disso, foi acompanhada e registrada a “V Jornada de Educação e Cultura Afro-brasileira e Indígena” e o “III Curso de Educação Inclusiva e Diversidade”, realizados conjuntamente, no ano de 2015, em parceria do clube José do Patrocínio com o Instituto Federal Farroupilha (IFF)- campus Júlio de Castilhos.

4.0 clube do passado.

⁶ Como já mencionado anteriormente, este artigo é resultado da dissertação de mestrado “Nosso Clube”: *Diferenciação e Valorização da Negritude Castilhense na Sociedade Cultural Recreativa José do Patrocínio*, de autoria de Ticiania Loiola dos Santos. Nesse sentido, os dados aqui trabalhados foram obtidos por Santos (2016) durante o seu trabalho de campo, realizado entre o final de 2014 e o início de 2016.

O clube José do Patrocínio não se produziu isoladamente, mas, sim, em relação aos demais clubes do município, por isso, a importância de relacioná-lo aos outros clubes da cidade. Dentro do clube José do Patrocínio, havia negros destacados pela sua escolarização e profissão, como o sócio José Cassiano e um dos fundadores do clube, Lúcio Paixão Correa, que era reconhecido na cidade por ser carroceiro e vereador. O “bom comportamento moral”, o uso do traje, a figura da família eram valores preservados dentro do clube, a fim de manter uma imagem de clube familiar. Para associar-se ao clube era necessário ter 18 anos ou mais e bom comportamento moral. No estatuto do clube, não há uma definição do que era considerado, na época, um “bom comportamento moral”.

A diretoria do clube era soberana na apreciação de propostas de acesso ao quadro social, sem obrigatoriedade de dar qualquer explicação ou justificativa às partes interessadas em caso de rejeição da proposta, ou seja, existia a liberdade dos membros da diretoria do clube de aceitar ou rejeitar qualquer cidadão sem a necessidade de explicar a sua decisão.

Um dos sócios do clube relata que sua mãe era filha de “mãe solteira” e, por isso, no primeiro momento em que solicitou a participação no clube como sócia, teve seu pedido negado. Por meio do relato desse associado e dos registros em atas, verificaram-se as regras para se frequentar o clube, uma vez que estas não estão definidas no seu estatuto. Em relação ao “bom comportamento moral” mencionado no estatuto, ele discriminava as “mães solteiras”. E esse preconceito seria estendido às suas filhas e/ou filhos, como ocorreu no caso relatado anteriormente.

Segundo esse associado, a sociedade da época era ferrenha, e o clube espelhava-se nos padrões morais da sociedade dominante naquele período. Giacomini (2006), ao tratar do clube Renascença, no Rio de Janeiro, explica que ele era considerado um lugar de família, um lugar de encontro entre as famílias. Da mesma forma, era concebida a Sociedade Cultural Recreativa José do Patrocínio.

“É como se a simples presença de famílias estáveis, estruturadas segundo o dominante modelo conjugal monogâmico da família restringida, conferisse ao grupo um atributo de distinção. Ora, tal associação não pode ser compreendida se não se tem em vista o contexto social envolvente, no qual o negro está associado à anomia, à desorganização e ao desregramento” (Giacomini, 2006, p.56).

Percebe-se, no clube José do Patrocínio, a importância das famílias, pela presença contínua destas no clube, com o passar do tempo, em diferentes gerações. Embora, hoje, a maioria dos encontros não seja de caráter familiar, ainda existe um vínculo dos participantes de outrora e dos participantes de agora. Atualmente, tais participantes estão ligados ao clube colaborando mais em atividades domésticas e de organização deste, já nem tanto o usando como espaço de lazer, mas ainda se fazem presentes. Tratando-se de um clube fundado por negros, é importante destacar que a maioria dos clubes negros foi criada à imagem dos clubes sociais brancos. Para Escobar (2010), eles surgiram como um contraponto à ordem social vigente, além de constituírem um local de sociabilidade e de lazer para a população negra, que era impedida de frequentar os clubes sociais brancos.

Para os negros do clube José do Patrocínio, era importante zelar por um comportamento aceito pela sociedade dominante, por isso, buscaram meios para serem aceitos, valorizados e se diferenciar de outros negros, por meio de algumas exigências. O clube José do Patrocínio distinguia-se pelo caráter familiar que os seus próprios

participantes lhe atribuíam e, também, pelo fato de alguns desses participantes possuírem profissões reconhecidas pela sociedade. O clube Francisco Rosa, apesar de ter participantes comuns ao clube José do Patrocínio, não tinha, no seu grupo de frequentadores, negros com profissões destacadas dentro do município, e a maioria possuía baixo grau de escolarização. Além disso, não havia, nesse clube, a exigência do traje completo, pois era mais difícil de ser adquirido. É importante destacar o uso do traje completo como fator que conferiu status ao clube José do Patrocínio, mas também como fator limitador da presença de muitos negros castilhenses dentro desse espaço. Ou seja, havia mais interesse em zelar pela imagem do clube do que em agregar mais negros em torno dele.

Conforme Bourdieu (1996), as diferenças e separações entre grupos podem ser explicadas pelas posições sociais em que os indivíduos se encontram em determinados espaços. No clube Felix da Cunha, prevalecia uma elite branca. No clube José do Patrocínio, prevaleciam (e ainda prevalecem) negros escolarizados com profissões valorizadas pela sociedade dominante. No clube Francisco Rosa, predominavam negros da periferia da cidade, com menos escolarização e que não precisavam se adequar às exigências de vestimentas e de comportamentos morais como aquelas estabelecidas pelo clube José do Patrocínio.

O clube José do Patrocínio exerceu um poder limitador com a exigência de uso de traje completo, até por volta das décadas de 1970 e 1980. O que estava por trás da exigência do uso do traje? Qual era o sentido dessa exigência? Os negros do clube José do Patrocínio buscavam não só o lazer, mas, sobretudo, visibilidade, reconhecimento e diferenciação social. De certa forma, queriam mostrar que estavam no mesmo patamar dos brancos. Para Bourdieu (1996), o espaço social é construído de tal modo que os grupos são distribuídos em função dos princípios de diferenciação, que são o capital econômico e o capital cultural. Assim como muitos negros do município de Júlio de Castilhos não frequentavam o clube por falta de capital econômico, o clube José do Patrocínio também buscava um capital cultural como forma de distinção, sobretudo para aqueles negros que estavam numa situação econômica mais vantajosa e que se diferenciavam pela escolaridade.

O fato de existirem negros com posições políticas destacadas no município, como era o caso de Lúcio Paixão Correa, vereador reconhecido, conferia status ao clube. O traje, a boa conduta, a estima pelos valores familiares, o portar-se de maneira adequada de acordo com as normas da sociedade dominante, conferiu ao clube distinção na sociedade castilhense. Consegue-se entender essas exigências, quando Bourdieu (1996) coloca que a cada classe de posições corresponde uma classe de *habitus*. É nesse sentido que se percebe um esforço desse grupo de negros, que almejava posição e reconhecimento, em manter determinados *habitus* de classe que pudessem equipará-los à sociedade dominante local. E isso ficará evidenciado quando, mais adiante, abordaremos os bailes do clube José do Patrocínio.

Havendo, no município, um clube de uma elite branca, de certa forma, ocorreu um espelhamento neste, quando criadas as regras e as exigências para se frequentar o clube José do Patrocínio, pois estas estavam de acordo com o meio em que viviam, com o que consideraram que era válido para a sociedade da época.

Constam, nas atas, vários registros sobre advertências a um sócio, pois este realizava bailes sem avisar os demais membros da diretoria, o que não era permitido. Ele foi excluído por estar em atitude de falta de decoro com duas associadas, assim como pela falta de respeito aos demais membros da diretoria que deveriam ser

comunicados de todas as atividades realizadas no clube, com antecedência, e concordar com a sua realização. Todos os negros que tinham condições de frequentar o clube aceitavam as normas e exigências, não só pelo simples fato de poder estar naquele ambiente de lazer, mas também pelas vantagens simbólicas de estar ali, por se sentirem valorizados dentro da sociedade. O clube tornou-se reconhecido na sociedade castilhense como um símbolo distintivo dos negros. Os bailes de gala, as normas, as regras, as exigências, a boa conduta moral são fatores que conferiam ao clube distintividade, por meio do *habitus*, como se referia Bourdieu (1996). Tais eventos e normas do clube não deixavam de ser uma tentativa de positivar determinados estigmas atribuídos aos negros.

4.1 Os bailes do passado.

O estatuto do clube José do Patrocínio não faz nenhuma referência ao uso de “traje completo”, no entanto, por meio dos relatos orais, foi possível perceber que essa era a característica marcante dos bailes do clube.

O baile do Catorze era de gala, era o baile de maior destaque, vinha gente de Porto Alegre. O Catorze de Julho marcou a época. O pessoal ia na estica. A gente passava o ano inteiro para ir no baile do Catorze, era impecável. Se tu não estivesse trajado tu não entrava, pois veio uns negros de Tupã sem traje e não entraram, era um ambiente de gala tradicional. Com o tempo, tudo mudou...as normas eram terríveis, tinha os diretores de salão, tu faltou com o respeito tu saía para fora. Um cidadão de Cruz Alta, tipo esculhambador, tiraram para fora e atiraram nos trilhos (associado, contador, 72 anos).

O estatuto foi criado em 1980, quando a exigência já não era mais aplicada. Entre as penalidades aos associados trazidas pelo estatuto destaca-se a seguinte: “o associado que praticar atos que deslustrem a sociedade ou promova escândalo que afete a mesma será excluído do quadro social”. A preocupação com a imagem do clube era constante. Uma vez que não existia um espaço de sociabilidade em que os negros pudessem se reunir, logo que o criaram, buscaram mostrar para a sociedade que eram dignos de ter um bom comportamento moral, que suas normas, regras, posturas e hábitos estavam condizentes com o que a sociedade da época impunha como correto. Assim, o estabelecimento das normas do clube visava mostrar à população castilhense o quanto os negros sabiam se portar, o quanto valorizavam a família, a boa conduta da época.

A preocupação com o zelo e a imagem do clube está associada à imagem que este queria transmitir para a sociedade castilhense e está vinculada às vivências de cada um de seus membros. O próprio entrevistado José Cassiano relatou que, quando estudava para formar-se contador, seus colegas de trabalho alcançavam a ele a vassoura, em ironia. O entrevistado considerou uma superação a sua formatura, comemorada no clube Felix da Cunha, onde, até então, negros não entravam. Os negros, de certa forma, queriam mostrar para a sociedade que também tinham direito iguais, assim como o “bom gosto” e o “portar-se adequado”.

O irmão de José Cassiano Marques Mello, Antonio Carlos Mello, 77 anos, foi um dos fundadores da escola de samba do clube, em 1959. Ele relembra que, nos eventos de outrora, havia o diretor de salão, pessoa responsável por observar o comportamento dos associados e frequentadores, para que não houvesse o uso excessivo de bebidas alcólicas e para que os casais não tivessem comportamento exagerado de beijos e abraços. Sobre os diretores de salão, uma das entrevistadas descreve-os como “pessoas

idosas, mais experientes”.

A figura do diretor de salão também era uma preocupação, por zelar pela imagem de um clube de “família”. E isso era um fator relevante para um clube formado por negros, alvo de tantas discriminações e preconceitos, sobretudo pelos seus costumes, comportamentos, valores, crenças religiosas, dentre outros.

Alguns entrevistados sócios e frequentadores do clube relataram vários bailes existentes no passado: o Baile do Catorze, o Baile da Primavera, o Baile do Chopp, o Baile do Três e o Baile da Pelúcia. Segundo uma das entrevistadas, os bailes eram muito bonitos, com orquestras. As mulheres usavam vestidos longos e os homens trajes completos.

Os bailes eram muito lindos, porque os baile assim de data, os trajes eram assim social, pelo menos as mulheres era vestido longo, Catorze de Julho e Trinta e Um de Dezembro era os bailes mais lindosque tinham (Associada, dona de casa, 84 anos).

Uma das entrevistadas relatou que o baile do Catorze, no qual também ocorria o *debut*, era o baile em que as moças de 15anos, filhas de associados e participantes do clube, eram apresentadas à sociedade. Posteriormente, os bailes de debutantes passaram a ocorrer no mês de novembro, e o baile do Catorze de Julho permaneceu na mesma data que o denomina, como baile em comemoração ao aniversário do clube. As moças eram apresentadas usando vestidos longos, em tons claros. Um orador ou oradora as apresentava dizendo seu nome completo e sua filiação. Segundo relatos dos entrevistados, esse tipo de baile também ocorria no clube Felix da Cunha, clube frequentado por uma elite branca castilhense.

5. O clube atualmente.

O clube José do Patrocínio se localiza no centro da cidade, a três quadras da praça central. Nas imediações da praça central, localizam-se a Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida, o clube Félix da Cunha, atualmente interditado, a Prefeitura Municipal, dentre outros prédios não residenciais. O clube está situado em uma rua sem saída, bem aofinal dela, quando se avista um barranco e, em seguida, os trilhos do trem. Houve uma reforma do prédio, que sofreu algumas mudanças nos últimos dois anos, como rampas, banheiros adaptados e portas de emergência.

No *hall* de entrada do clube, há um espelho grande e, ao lado direito, há uma porta onde, em dias de boate, ficam dois seguranças, um homem e uma mulher. Essa entrada é uma peça ampla, com uma galeria de fotos dos presidentes do clube e uma porta de emergência ao lado. Há, nesse espaço, uma pequena janelinha, onde são vendidos os ingressos e onde ficam algumas pessoas da diretoria. Em outra sala de estar, estão expostos quadros de rainhas. Nesta, existem arquivos em que são guardados livros-caixa, documentos do clube e livros. Do lado esquerdo, estão a copa, a cozinha e os banheiros masculino e feminino. Subindo três degraus, do lado esquerdo, está o salão, amplo, com mesas redondas de madeira e cadeiras, um palco, janelas e vitrais. As paredes são de cor bege e o chão é de parquê. Algumas festas são realizadas no salão e outras nas peças menores, dependendo do número de participantes.

Atualmente, grande parte das atividades que vem sendo promovidas no clube são, na verdade, atividades organizadas por grupos de pessoas que não fazem parte dele, apenas alugam o espaço. Uma das entrevistadas demonstrou um sentimento de

frustração, alegando que o clube não está atuando com vistas à afirmação da identidade negra. Uma associada e participante ativa da entidade considera o clube importante não tanto como espaço de sociabilidade, pois, segundo ela, hoje, todos os lugares de sociabilidade do município são abertos a todos, mas como patrimônio do município, pois o clube José do Patrocínio conta a história dos negros de Júlio de Castilhos.

Durante as tardes em que o clube fica aberto, há o encontro de um grupo de mulheres com 60 anos ou mais, que se reúnem para fazer ginástica. Desse grupo, apenas duas são associadas ao clube, as demais são moradoras da redondeza, mas que não têm vínculo de sócias com a entidade. Aos domingos, o clube é alugado para festas dos “grupos de melhor idade”, que são bem ativos no município.

Dentro do clube, há famílias que estão lá há muito tempo. Essas famílias mais atuantes são descendentes dos fundadores do clube, ou seja, de geração em geração, se fazem nele presentes. E muitos frequentadores que não são associados veem o clube como uma instituição pertencente a essas famílias.

Em março de 2016, ocorreu, no clube, o primeiro encontro da família Mello, família à qual pertence o entrevistado José Cassiano Marques Mello. Segundo ele, esse almoço recebeu a denominação de “1º Almoço Ricardo Mello”, em homenagem a seu pai, que havia idealizado esse evento em vida. Esse evento revela o caráter familiar do clube, presente ainda nos dias atuais. Se, atualmente, as famílias não se envolvem como no passado nos eventos da entidade, por outro lado, o “clube familiar” ainda está presente nas suas memórias. Escolher esse espaço para reunir uma família de muitas gerações tem um significado importante para essa família, pois, de alguma forma, equivale a lembrar o quanto essa família foi importante na trajetória desse clube e mostrar isso para as novas gerações. Grande parte dos membros dessa família participou ativamente das atividades do clube: um deles foi fundador da escola de samba, algumas das mulheres foram rainhas do carnaval e outras debutaram no clube. Reunir-se em família no clube, atualmente, de alguma forma, representa lembrar do prestígio dos membros dessa família para o clube, bem como demonstrar a importância e afeto que nutrem por ele.

Durante os finais de semana em que ocorrem as chamadas boates, o clube é frequentado por jovens de periferia que se encontram com o intuito de se divertir, mas sem nenhuma ligação com as questões raciais. Durante o período em que o clube realiza almoços, jantares e bailes comemorativos, é frequentado por famílias associadas. Os negros e brancos dividem o mesmo espaço de sociabilidade.

O clube, nos últimos anos, tem, então, realizado duas noites de carnaval e duas de matinês infantis. No ano de 2015, na segunda noite de carnaval oferecida pelo clube, não houve público, encontravam-se apenas alguns membros da diretoria, que atribuem esse fato ao carnaval castilhense estar, aos poucos, se acabando. Durante o desfile de rua, a maioria dos que compunham a bateria da escola de samba eram adolescentes. No desfile de carnaval de 2015 havia um número praticamente igual de brancos e de negros representando o clube no desfile. Famílias brancas que não são associadas e não são frequentadoras estavam lá, levando suas filhas para desfilar. O presidente da escola de samba e os demais integrantes que estavam organizando o desfile vestiam ternos pretos. Os demais membros da escola vestiam camiseta rosa e verde com o nome do clube. Além dos blocos carnavalescos da cidade, desfilou também outra escola de samba, chamada Unidos de Vila União, formada por habitantes de um bairro da cidade, mas que não possui um clube. As pessoas que assistiam ao desfile diziam: “o Patrocínio sempre demora a desfilar, adoram fazer suspense”. Isso mostra que o clube é visto por muitas pessoas como uma instituição que busca enaltecê-lo ou mostrar grandiosidade.

Diferentemente do passado, os bailes de carnaval, no presente, tiveram uma redução do seu público e de seus dias de baile, que passaram de quatro para duas noites. Contudo, a escola de samba do clube continua com seus ensaios e desfiles de rua. Durante os meses de janeiro e fevereiro, ocorrem os ensaios da escola de samba. Os ensaios são abertos, acontecem na rua em frente ao clube, porém, o clube mantém as portas fechadas, apenas uma porta lateral fica aberta com acesso para os membros da bateria. Além dos membros da escola de samba, participam dos ensaios sócios e não sócios do clube. Atualmente, a bateria é formada, em sua maioria, por adolescentes. Nos ensaios, os pais costumam acompanhar os seus filhos adolescentes. Há um encontro de famílias negras e brancas, de diferentes gerações. Os sócios mais antigos costumam participar também. Os ensaios da escola são um espaço importante de sociabilidade negra na cidade, em que negros e brancos interagem. Durante um dos ensaios, do qualuma das autoras deste artigo participou em 2015, ao cruzar pela rua central da cidade em direção ao clube, ela passou por um grupo de adolescentes e escutou um deles falando: “Eu não vou naquela negrada do Patrocínio”. Apesar de alguns brancos participarem dos ensaios, eles são espaços de sociabilidade negra na cidade. A fala do adolescente revela que, nas interações entre brancos e negros, os negros são identificados e designados como “negrada”, ou seja, classificados por um preconceito racial de marca, que vai além da cor da sua pele e dos seus traços negroides, mas abrange também o gosto pelo samba e pelo carnaval.

5.1 As boates.

O clube promove “boates”, ou seja, festas musicais em que jovens negros e brancos se encontram nos finais de semana, buscando lazer. Grande parte desses jovens é da periferia da cidade. Brancos e negros se encontram e se misturam naquele espaço de lazer, sendo a maioria não associada ao clube.

Na maior parte das festas, não há um grande número de frequentadores. Durante uma das boates, uma frequentadora disse: “Nossa! O que foi o Patrocínio? Até os doutores vinham aqui, agora está decaído”. A maior parte dos presentes eram mulheres. As jovens negras usavam vestido e salto alto. Os vestidos eram semelhantes: cavados, com estampas florais, não justos e com elástico na cintura. Na pista de dança, os jovens se divertiam dançando *funk* e tomando cerveja. A maioria das meninas brancas usava calça jeans, bota montaria, *shorts* curtos e estava com a barriga a mostra. Meninas brancas e meninas negras demonstram uma preocupação distinta com a aparência. Como nos diz Giacomini:

O corpo se impõe como um dos lugares privilegiados de inscrição de identidade. À base da experiência ancestral do grupo, para o qual o estigma corporal, no caso a cor, ensinou como a aparência opera enquanto discriminadamente social, seus integrantes acionam de maneira sistemática o conhecimento (sociológico?) adquirido, agora transformado em habitus: se o corpo e, mais precisamente a aparência, funcionam (são lidos) como sinalizadores da posição social, o cuidado com a aparência, mais que simples capricho ou acessório, torna-se estratégia de um grupo que quer afirmar, de modo conspícuo, que detém determinados atributos de classe raramente associados aos negros na sociedade brasileira (GIACOMINI, 2006, p.35).

Pensando no modo de vestir-se das meninas negras, elas não procuram usar roupas do estilo *funk* nas boates em que esse ritmo é tocado. Tal atitude pode estar

relacionada aos estigmas vulgares atribuídos a esse estilo. E, nesse sentido, buscam um modo de vestir-se que as distingue das demais meninas. Essas roupas tidas como mais discretas as diferenciam das meninas brancas e as classificam como mais elegantes, com “boa aparência” e “bom gosto”, pela sociedade. A maneira de vestir das mulheres negras dentro do clube confere certa distinção a elas e mostra a que grupo pertencem, fugindo, assim, dos preconceitos e dos estigmas associados aos negros.

Para as meninas brancas, que não são sócias do clube, essa preocupação com a vestimenta não se evidencia, afinal, elas não precisam demarcar uma identificação a valores e *habitus* associados ao seu grupo familiar. Diferente das meninas negras, as brancas demarcam uma identificação a um estilo musical, que está muito associado à sua condição social de moradoras da periferia da cidade.

Comparando os bailes do passado com as boates de hoje, os bailes ocorriam apenas uma vez por mês. A cada evento havia uma preparação tanto dos homens com seus trajes quanto das mulheres com seus vestidos e cabelos. As mulheres negras frequentadoras do clube mantêm, desde os tempos de outrora, esse cuidado com a aparência externa, mas as exigências do clube em relação aos trajes, hoje, já não são mais as mesmas. Essa preocupação com a aparência era indicativa de *status* perante a sociedade. Como diz uma sócia, ela sempre procura ir ao clube com uma roupa melhor, usar um bom perfume, pois o clube não é “qualquer lugar”, é o lugar que representa os negros e, por isso, ela deve estar bem vestida.

5.2A discussão das relações raciais a partir do clube: novas orientações.

As questões raciais já eram tratadas no clube José do Patrocínio desde a década de 1980, quando foi criado, em 1986, o grupo Novos Quilombos, vinculado a ele, que passou a aderir ao Movimento Negro Brasileiro (Matias, 2006). Nesse período, ocorreu, no município, o primeiro encontro sobre Consciência Negra, que recebeu um número significativo de participantes de várias cidades do Rio Grande do Sul. Posteriormente, foi criado o Grupo de Dança Afro Adayê, que representava a entidade em eventos e divulgava a cultura e os ritmos negros (Matias, 2006)⁷.

O grupo Novos Quilombos formou-se por iniciativa de uma associada do clube, que, atualmente, é professora aposentada e reside na cidade de Passo Fundo. Tal associada reunia em sua própria casa um grupo de jovens para conhecer os ritmos negros. Em seguida, formou o grupo de dança afro-castilhense, que passou a pertencer à Sociedade Cultural Recreativa José do Patrocínio. No ano de 1992, quando mudou de residência para a cidade de Passo Fundo, o grupo passou a ser coordenado por uma de suas integrantes. Nesse momento, o grupo começou a chamar-se “Grupo de Dança Afro Adayê”.

Por volta de 1988, aconteceu, no clube José do Patrocínio, o primeiro encontro da consciência negra, já citado anteriormente. Esse evento teve um número significativo de participantes, uma vez que vieram pessoas de clubes negros de quase todo o Rio Grande do Sul. Tal evento foi organizado pelo grupo Novos Quilombos, que fazia parte do Movimento Negro Brasileiro.

⁷No ano de 1988, foi criado o Esporte Clube Centenário, em homenagem aos 100 anos da abolição. Tratava-se de um time de futebol formado por membros do clube. Segundo Lea Mattias, sócia e frequentadora do clube, os jovens e veteranos que participavam do time frequentavam eventos em clubes negros de outras cidades do estado. Nesses eventos, aconteciam os jogos pela parte da manhã; em seguida, o anfitrião oferecia almoço e, logo após, havia festa dançante ao som de samba e pagode.

No ano de 2010, o Instituto Federal Farroupilha, por meio do campus Júlio de Castilhos, firmou parceria com a Sociedade Cultural Recreativa José do Patrocínio, com o intuito de realizar palestras com temáticas relacionadas às questões raciais.

O professor Aristeu Castilhos da Rocha, sócio e frequentador do clube José do Patrocínio, atualmente professor do Instituto Federal Farroupilha de Júlio de Castilhos, foi um dos sócios que sempre esteve envolvido com a discussão das questões raciais dentro do clube. Aristeu fora convidado por Enio Grigio⁸, professor do Instituto Federal Farroupilha de Júlio de Castilhos, para realizar atividades envolvendo o instituto e o clube.

O professor Aristeu Castilhos da Rocha trabalhou na rede estadual de ensino, no município de Júlio de Castilhos e também na Universidade de Cruz Alta (Unicruz). Nesses locais, já realizava atividades em parceria com o clube, desde o ano de 2000. No início da parceria do Instituto Federal Farroupilha com o clube José do Patrocínio, as atividades eram voltadas para a discussão da posição do negro na sociedade. Dentre algumas atividades, foram convidadas diretoras negras para uma roda de conversa. A existência dessa parceria demonstra a importância das temáticas raciais e do clube no âmbito educacional.

O Instituto Federal Farroupilha- campus Júlio de Castilhos, por meio do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI), promoveu, no ano de 2010, o curso nomeado de “Educação, Cultura Africana e Afro-brasileira numa Perspectiva Curricular”, objetivando abordar a presença da cultura negra no Brasil e a importância dessa temática na educação. É importante frisar que o curso foi financiado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) do Ministério da Educação.

Constava, na programação do curso, uma oficina de dança idealizada pela professora Taís Katiulsea do grupo de dança Adayê, do clube José do Patrocínio. Taís esteve, durante muito tempo, envolvida não só com o grupo de dança dentro do clube, mas também o levando a participar de vários eventos fora dele. Ao observar-se essa parceria entre o clube e o Instituto Federal, nota-se a visibilidade que o clube adquire na sociedade castilhense, principalmente para a área educacional, visto que a lei 10639/03 tornou o ensino sobre a história e a cultura afro-brasileiras obrigatório no ensino médio brasileiro. As instituições de ensino passaram, então, a buscar meios e recursos que tornassem acessíveis para os professores o conhecimento ou o aprimoramento desses conhecimentos, os quais deveriam ser abordados em sala de aula.

No ano seguinte, o curso recebeu a mesma denominação e teve um acréscimo no número de participantes. No registro do ano de 2011, nota-se que não apenas as atividades do Instituto Federal são trazidas para dentro do clube, mas também seus sócios e frequentadores são levados àquele local para contribuir com seus relatos sobre experiências e vivências que tiveram dentro e fora do clube. Isso demonstra uma integração e valorização dos negros, pois os sócios e participantes do clube têm a oportunidade de contar as suas trajetórias para os alunos e docentes do Instituto Federal. Isso confere reconhecimento e distinção para os negros do clube José do Patrocínio. Um dos sócios mais atuantes no clube, que se destacou no passado por sua escolaridade, hoje participa de atividades do Instituto Federal Farroupilha relatando suas vivências no movimento negro, para docentes e discentes, para brancos e negros. Isso lhe confere

⁸ Enio Grigio escreveu sua tese de doutorado sobre a trajetória da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, criada, em 1873, pela comunidade negra de Santa Maria da Boca do Monte, na região central do Rio Grande do Sul. Ver Grigio, 2016.

prestígio social, valorizando a sua trajetória, assim como a de outros negros do clube.

No ano de 2012, o curso teve como título “As interfaces das Culturas Afro-brasileiras e Indígenas e suas Implicações nas Práticas Pedagógicas”. No ano de 2013, o curso abordou a “Identidade Cultural, Inclusão e Etnicidade na Educação: Saberes e Fazeres”. No ano de 2014, ocorreu a “IV Jornada de Educação e Cultura Afro-brasileira e Indígena” e o “II Curso de Educação Inclusiva e Diversidade”. No ano de 2015, o curso foi denominado “V Jornada de Educação e Cultura Afro-brasileira e Indígena” e “III Curso de Educação Inclusiva e Diversidade”.

Entende-se que um conjunto de interesses tornou viável a parceria entre o Instituto Federal Farroupilha de Júlio de Castilhos e o clube José do Patrocínio. Dentre eles, podemos citar: o interesse de professores do IFF pela pesquisa e ações de extensão nas temáticas da cultura africana e afro-brasileira; o interesse do Ministério da Educação pelo desenvolvimento de políticas de combate à desigualdade racial; o interesse do clube José do Patrocínio em discutir tal temática e dar visibilidade aos negros em Júlio de Castilhos; o interesse das escolas da rede municipal e estadual de Júlio de Castilhos em proporcionar cursos de educação continuada sobre uma temática que se tornou conteúdo obrigatório nas escolas, buscando maior qualificação para os professores.

Para o clube José do Patrocínio, o interesse do Instituto Federal Farroupilha por pesquisas relacionadas às relações raciais colabora para dar visibilidade ao clube e para fortalecer a luta pelo combate à desigualdade racial. As trajetórias dos membros do clube sempre estiveram voltadas para as questões raciais, principalmente entre os sócios acima de 50 anos, que participaram do Movimento Negro e das atividades da Semana da Consciência Negra, em que ocorriam apresentações artísticas do grupo de dança afro.

Os negros do clube José do Patrocínio que participam dos cursos oferecidos pelo IFF foram atuantes na Semana da Consciência Negra e se vincularam ao Movimento Negro. Eles poderiam ser vistos como intelectuais orgânicos, nos moldes que Gramsci (1978) os concebe. Para Gramsci (1978), no mundo moderno, a categoria de intelectuais se ampliou. Eles nem sempre foram criados pelas suas necessidades de produção, mas por necessidade políticas. E é esse caráter político de valorização dos negros e de combate às desigualdades raciais que se revela na atuação política dos negros do clube José do Patrocínio. Eles atuam no campo social e político, ao colaborar para o reconhecimento e visibilidade dos negros do clube e da cidade de Júlio de Castilhos. Ao colaborarem para a criação de um espaço de sociabilidade para os negros da cidade, ao valorizarem a cultura afro-brasileira, ao discutirem os temas da desigualdade e do preconceito racial e ao proporem ações educativas de combate à desigualdade racial se tornam intelectuais orgânicos, desempenhando um papel de caráter político que confere reconhecimento ao seu grupo originário.

Por meio de suas vivências e experiências, aliadas aos seus conhecimentos adquiridos no meio escolar e acadêmico, os sócios do clube José do Patrocínio contribuem para um redirecionamento das ações e atividades do clube e, com isso, tentam trazer novos frequentadores para a entidade. Nas atividades realizadas pelo IFF em parceria com o clube, o saber popular é valorizado e a socialização do conhecimento resulta numa nova orientação e perspectiva de ação política do clube. As discussões realizadas durante o curso em parceria com o Instituto Federal Farroupilha sensibilizaram alguns professores que precisavam abordar as temáticas raciais em sala de aula. Os relatos das vivências e experiências dos negros do clube e as discussões de cunho político e acadêmico possibilitaram a construção de um novo olhar sobre si mesmos e sobre o clube, visando também à manutenção e valorização do seu espaço, no

caso, o clube.

Considerações finais

As mudanças ocorridas no clube são carregadas de valor simbólico. Os eventos do passado diferem dos eventos do presente. Como exemplo, podemos citar os bailes sociais no passado, em que o uso do traje completo e dos vestidos longos, bem como a presença dos diretores de salão, conferiam *status* aos negros frequentadores do clube e, ao mesmo tempo, eram um fator limitador do ingresso de muitos negros nele, pois nem todos tinham condições de adquirir tais trajes. Portanto, apesar dos entrevistados perceberem o clube como um espaço social que sempre foi democrático, existia um fator limitador da participação de todos no clube. Com a exigência do uso do traje completo, os negros do clube mostravam à sociedade branca elitista o quanto também eram possuidores da “boa imagem”.

Os negros que, no passado, tornaram-se destacados pela escolaridade, em um período em que os negros dificilmente concluíam o ensino fundamental, hoje têm suas trajetórias reconhecidas e compartilhadas em uma das maiores instituições de ensino do município, o Instituto Federal Farroupilha, que, por meio de sua parceria com o clube, promove a manutenção do aspecto intelectual deste. Tal aspecto que, no passado, existia por meio da biblioteca, hoje se manifesta nessa parceria, que promove cursos com temáticas relacionadas às questões raciais. No entanto, assim como no passado, atualmente, os negros continuam lutando por visibilidade. A trajetória do sócio Cassiano Marques Mello, por exemplo, demonstra o quanto os negros viviam em um contexto social que os excluía. A sua formatura comprova que, mesmo em um momento em que o clube branco teve que aceitar a presença de negros, pois eram formandos, os colocaram em uma mesa separada da dos demais. A memória desse fato tornou-se marcante para o senhor Cassiano, uma vez que este buscou, em suas ações dentro do clube, visibilidade, a qual, para ele, ainda precisa ser conquistada nos dias atuais. Como afirma Nogueira (1985), no Brasil, país em que prevalece o preconceito de cor, a escolaridade compensaria a desvantagem de cor. No caso de Cassiano, a escolaridade o levou a circular por espaços de brancos, contudo, o preconceito racial se manteve de forma sutil, em brincadeiras, como foi o caso de lhe entregarem a vassoura ao invés da caneta no escritório em que foi trabalhar. Mesmo formado, ele continuou, por algum tempo, exercendo atividades que não estavam de acordo com seu grau de instrução. Todos esses fatos contribuíram para que Cassiano atuasse de forma ainda mais ativa dentro do clube José do Patrocínio.

Na verdade, não foi um motivo único que levou à criação e manutenção do clube, mas sim vários. Dentre eles, podemos citar as trajetórias individuais marcadas, muitas vezes, pelo preconceito; a ausência de um espaço de sociabilidade que os negros pudessem frequentar com suas famílias; uma resposta a uma possível discriminação racial dentro do município. Como os negros não frequentavam o clube dos brancos, a criação do clube negro foi uma forma de mostrar para a sociedade dominante da época que também os negros eram portadores de bons hábitos e bons costumes. Enfim, o objetivo maior era não só criar um espaço de lazer para os negros, mas um espaço de distinção. Mais do que congregar-se, buscavam visibilidade e combate ao preconceito, fugindo dos estigmas atribuídos a eles pela sociedade dominante. Hoje, a forma disponível para combater o preconceito é a parceria com o Instituto Federal Farroupilha. Também foi uma forma de combate ao preconceito a formação do grupo de dança Afro

Adayê, que atuou de modointenso no passado e, atualmente, está reativado com novos integrantes, mas com o mesmo objetivo de valorizar a cultura afro. A nova formação do grupo de dança afro é uma das ações que demonstram o quanto ainda existe a preocupação por parte das gerações mais novas de manter atividades que valorizem a cultura negra.

O clube negro se construiu a partir da ausência de um espaço social que os negros pudessem frequentar e também dabusca por visibilidade. Essa busca fez com que selecionassem elementos que consideravam importantes para sua identificação, como o uso do traje, os bailes sociais, as regras do clube. Assim como bem disse Barth (2000), as fronteiras étnicas canalizam a vida social e acarretam uma forma de organização das relações sociais e comportamentais. Desse modo, no clube, os integrantes determinaram os comportamentos adequados para se frequentar aquele espaço social. Para Barth, as distinções implicam processos de exclusão e incorporação. Os negros do clube incorporaram os bailes sociais, os trajes e o bom comportamento moral como elementos que lhes conferiam distinção social e os diferenciavam de outros negros menos escolarizados e com menos capital econômico e cultural. Da mesma forma, os registros em atas são mais do que memórias guardadas, são também elementos que os negros consideravam importantes que ficassem registrados para identificá-los, para mostrar quem eram e o que consideravam importante.

Concluimos que o clube José do Patrocínio, definido aqui como um espaço de sociabilidade negra, tem sentido para seus fundadores e frequentadores, à medida que ele conferiu visibilidade, reconhecimento e diferenciação aos negros de Júlio de Castilhos.

Referências bibliográficas

BARTH, Fredrik. “Os grupos étnicos e suas fronteiras”. In: **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

BENJAMIN, Walter; DEMETZ, Peter. Thesis on the philosophy of history. In: **Illuminations**. Ed. Hannah Arendt: p.217-252, New York: Harcourt Brace & World, 1968.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas sobre a teoria da ação**. Papirus, 1996.

_____. **Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **A miséria do mundo**. Petrópolis, Ed. Vozes, 2011.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever**. Revista antropológica, São Paulo. 2000.

COSTA. Firmino. **Terra de Vila Rica**. Publicação do Centro Cultural Francisco Salles.1991.

ESCOBAR, Giane Vargas. *Clubes sociais negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial*. 2010.Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

GIACOMINI, Sonia Maria. **A alma da festa. Família, etnicidade e projetos num clube social da zona do norte do Rio de Janeiro: o Renascença Clube**. Belo Horizonte: UFMG, Rio de Janeiro, 2006.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978.

GRIGIO, Ênio. “No alvoreço da festa não havia corrente de ferro que os prendesse, nem chibata que intimidasse”: a comunidade negra e sua Irmandade do Rosário. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016.

MAGGIE, Yvone. “Aquelesa quem foi negada a cor do dia”: as categorias cor e raça na cultura brasileira. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (orgs).**Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996.

MATIAS, Léa Sampaio. **Sociedade Cultural Recreativa José do Patrocínio**. Cruz Alta, 2006.

MUNANGA, Kabelenge. **Algumas considerações sobre a diversidade e a identidade negra no Brasil**. In: Diversidade na educação: reflexos e experiências. Ministério da Educação. Brasília, 2003.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: **Tanto preto quanto branco**. São Paulo: TA Queiroz, 1985.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo. AnnaBlume, 2^o edição, 2012.

SANTOS, Ticiania Loiola dos. **“Nosso clube”**: *diferenciação e valorização da negritude castilhense na Sociedade Cultural Recreativa José do Patrocínio*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.